

Despatologização da infância, um relato de experiência

A partir do trabalho no Deambulatório Aracê no território de Anchieta e Ricardo de Albuquerque, percebemos de forma sistemática pedidos por avaliação neuropsicológica e tratamento medicamentoso para determinados comportamentos assim como ausência do brincar na vida dessas crianças. Muitas mães e responsáveis que levam seus filhos aos atendimentos relatam uma solidão no cuidado da maternidade, apresentando fragilidades em suas redes de suporte.

Começando pela escuta e acolhimento das famílias, assim como nos encontros com as crianças, foi possível colher uma infância de pouco brincar no território, explicitando um circuito exclusivo casa-escola. Com isso, o diagnóstico passou a ser uma forma de mascarar situações complexas, como falta de rede de apoio, ausência do brincar, dificuldades de estarem com outras crianças, violência intrafamiliar e urbana e vulnerabilidade social.

A cultura crescente de diagnósticos e medicalização da infância, aparece enquanto necessidade de controle e normatização de determinados indivíduos, que em seus comportamentos escapam do que seria socialmente idealizado ou tolerado. Algo que presentifica uma atitude paternalista, adultocêntrica e higienista em relação às questões da infância e do psiquismo da criança.

O desafio, portanto, do trabalho em saúde mental infanto-juvenil neste contexto, está justamente em poder ouvir e ressaltar o que existe de singular no sofrimento de cada criança, apontando para algo de sua história e da composição psicossocial na qual está inserida assim como sustentar uma práxis contra-hegemônica de oposição a patologização da vida e impulsionadora das potencialidades de cada sujeito, a partir de um trabalho coletivo e que acolha as diferenças e adversidades que emergem na infância.